

A SEMANA

REVISTA CATHOLICA, LITTERARIA E DE INSTRUÇÃO PUBLICA.

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DOS EXMS. E REVMS. SRS. ARCEBISPO DA BAHIA,

BISPOS DO RIO DE JANEIRO, DE S. PAULO, DE MARIANNA E DO RIO-GRANDE.

DIRECTOR—F. M. RAPOZO D'ALMEIDA.

Vol. II.

Domingo 15 de Fevereiro de 1857.

N. 45.

PARTE LITTERARIA.

A REGENERAÇÃO SOCIAL. (*)

Ao Sr. Arcebispo da Bahia.

I.

VENERAVEL SENHOR.— Com a minha alma, curvada pela mais profunda gratidão, ousou escrever esta, não só para testemunhar a v. exe. r.^{ma} toda a minha cordial submissão ás suas altas virtudes e distincto saber, como também para manifestar o quanto me penhorou a generosa protecção, com que foi recebido pela sua alta magnanimidade o meu tenue trabalho sobre a GUARDA DOS DOMINGOS.

Se uma desvanecida ambição de gloria, se a esperança de um completo triumpho litterario me houvesse determinado a traçar essas rapidas considerações sobre uma das primeiras necessidades da reabilitação da moral religiosa e social, eu, generoso sr., teria reconhecido no vosso juizo essa almejada gloria, esse triumpho esperado; mas um sentimento intimo, que sei comprehender, e não definir, um d'estes sentimentos que produz manifestações espontaneas, subitas, imprevistas, foi quem me revocou do limbo, a que eu proprio me havia condemnado, para me arrojear de novo nas luctas intellectuaes da imprensa; e ahí levantar um brado a favor da igreja, que, no meio das suas tribulações, ainda possui o sacramento da fé.

Não sei o como, veneravel sr., me acho hoje soldado auxiliar e voluntario d'esta igreja que, ha mais de meio seculo, soffre a guerra colligada de todas as seitas dissidentes, e as illecivas da incredulidade, que é a feição característica de todas ellas. Não sei também, senhor, porque na primeira campanha, em que entrei, fui tão profuzamente condecorado pelo primeiro general da igreja brasileira! Não descutirei este alto designio da Providencia, prostro-me ante elle, e beijo as sagradas mãos, que acabam de nobilitar os meus sinceros esforços.

Poderá causar admiração que um secular como eu se arrogue o direito de tratar questões que, até os nosos dias, pareceram devolvidas ao zelo e à sciencia da ordem

(*) Este artigo é extrahido do DIARIO DA BAHIA, uma das folhas diarias do Brasil, que, apar do recommendavel DIARIO DE PERNAMBUCO, trata a politica, a administração e a litteratura sob o ponto de vista catholico. Oxalá que o exemplo de tão illustradas redacções fosse seguido pelos demais órgãos da nossa imprensa.

sacerdotal. Espero com tudo, que, depois de ter exposto as razões que me determinaram a lançar-me n'esta honrosa lica, todo o leitor de boa fé as approvará em sua consciencia, e me absolverá de toda a macula de usurpação.

A classe dos escriptores seculares, como observa o conde de Maistre tem-se tornado eminentemente culpada para com a Religião, — porque não hade esta classe alliar-se hoje aos escriptores ecclesiasticos, e em torno do mesmo altar, exaltarem a doutrina que é partilha de todos? Nas circumstancias difficéis e abatidas do clero acho até necessaria esta aliança; e a França nos tem dado edificantes exemplos.

Não vejo motivo para que os seculares, cuja inclinação os levou a estudos serios sobre a constituição, legislação e doutrina da igreja, não venham postar-se entre os levitas, que defendem a mais sancta das causas. Ainda quando não servissem para encher os lugares vãos do exereito do Senhor, não se poderia ao menos recusar-lhes com justiça o merito d'essas mulheres corajosas, que, no mais travado das pelejas subiam ás ameias d'uma cidade sitiada, e, com os seus clamores, animavam os de dentro, e espavoriam os de fóra.

Além d'isto toda a sciencia deve uma especie de dizimo áquelle de quem ella procede; e Deos é o Senhor das sciencias, é o que prepara todos os nossos pensamentos— Deus scientiarum Dominum est, et ipsi præparantur cogitationes.

Somos chegados a uma epocha, em que todo o homem, segundo as suas forças, deve conduzir uma pedra para o edificio augusto, cujos planos estão visivelmente traçados. A consciencia da propria mediocridade não deverá reter os devotados obreiros. Eu, que sou o primeiro a reconhecer toda a minha insufficiencia, n'esta augusta e santa missão, offereço-me confiadamente ao mais santo dos holocaustos. Deos não escolhe os seus instrumentos, indica-os apenas, e todo o instrumento, ainda o mais fragil, torna-se poderoso, quando é applicado pela mão omnipotente da sua Providencia. Como a folha da arvore soprada pelo vento, como a agua das fontes lançada no leito inclinado do rio, assim entendo eu que é o homem. E se a folha não pergunta ao vento porque é agitada d'esta ou d'aquella maneira, nem a agua pergunta ao plano porque assim a desliza no regato, ou a precipita na catadupa, como heide eu perguntar ao meu destino porque faço o que faço, ou qual o ponto para onde me dirijo? O simum do deserto ou o regato do valle florido vão para onde Deos os manda seguir.

Em vós, veneravel senhor, tenho eu um exemplo da mais sublime resignação. Perguntastes vós á Providencia porque, na mimosa idade de dezoito annos, vos amortalhou nas negras vestes de levita predestinado? Inter-

regastel-a por ventura, quando, na idade viril, vos sentou, a vós, Sócrates do Christianismo, na cadeira do magisterio, ou vos exaltou no pulpito, a vós São João Chrysostomo dos nossos dias, ou vos glorificou no rosto politico, a vós Cícero da religião, ou, finalmente, inextinguíveis-la, como David, porque na alquebrada idade de setenta annos vos predistina para serdes o protesto eloquente e assustador contra as invasões, contra as surdas perseguições, contra as espoliações escandalosas que se commettem contra a igreja?

Não, e não!...

Como Isaac carregais a lenha para o sacrificio, e vos offereceis hostia inerte nas aras sacrosantas, ou no sêpo de revoluções vertiginosas. Como Moysés, como Jonathas, como Eliseu sementeas, arremessaes, tropejaes a pa'avra e os mandamentos do Senhor; como Tertuliano como Bossuet tendes uma penna inspirada, vós sois nas nossas actuaes circumstancias o O' Connell da igreja brasileira.

No meio d'esta luta gloriosa de um contra cem, no meio d'este estertor ruidoso das blasphemias, não tanto dos dissidentes, como dos Judas do catholicismo; vós dizeis na vossa celeste resignação de christão: — seja feita a vontade de Deus, assim na terra como no céu.

Eu, veneravel senhor, repetirei tambem nas minhas peculiares circumstancias, a eloquente phrase da oração dominical: — e, alentado por este viatico substancial, continuarei a minha romagem de obscuro peregrino.

II.

Permitti-me agora, veneravel senhor, que lance um correr de olhos sobre o vosso precioso escripto, sobre este morgado de gloria litteraria, que transmittirei a um filho, com que o céu me brindou, e que doura as minhas esperanças de catholico.

O vosso parecer é para mim o programma, a bandeira, o evangelho de uma propaganda, como eu entendo que ella se carece estabelecer no paiz. Em um quadro em miniatura, vós traçastes a indole caracteristica d'esta epoca tão fatal á igreja: vós tambem ali apontaes os meios unicos de revocar esta sociedade, gangrenada pela incredulidade, e pela indiferença á rehabilitação, a profissao dos principios e da doutrina da igreja.

Indubitavelmente tres são os meios de que vantajosa, e proficuamente se podia lançar mão para obter este grandioso desideratum: — a imprensa, o pulpito e a conferencia.

Uma folha que propugnasse a favor dos interesses religiosos, e que, em milhares de copias, derramasse os germens de boas doutrinas pela ampla superficie do imperio, esta folha seria como a sementeira lançada pelo agricultor do evangelho. Embora alguns grãos cabissem entre abrolhos, ou fossem devorados pelos passaros, ou calcados pelos viandantes, outros cahiriam na terra ubere e produziriam cento por um. E' n'este intuito que ha um anno sustento, com pessoas sacrificios, e com tenacidade de animo não vulgar, uma folha litteraria, a SEMANA, que vós tão magnanimamente vos dignastes elogiar em carta de 3 de abril ultimo. Esta vossa approvação, este vosso brado de — animo e ávante, — teve em mim uma significativa influencia.

Como o peregrino se senta extenuado de forças no mareo miliario da estrada, e, sem animo para caminhar, ali aguarda o termo ultimo: como o naufrago, a quem falta uma ou outra taboa do espeçado lenho, e, sem vigor para lutar com as ondas, poem as mãos, e vai entregar-se á morte, assim estava eu no meu humilde posto de jornalista. Tamanhas e tão compheçadas eram as difficuldades, que ao encontro me sabiam, tantas e reitera-

das as decepções de todo o genero, que eu estava quasi resignado á abandonar-me á força bruta da indiferença.

Mas a vossa voz tem para mim tudo de sublime, e muito de sagrado para que eu não me revista de nova coragem, e continue na missão, ou melhor direi, no empenho, que contrahi em dia muito memoravel, e em hora muito solemne para o meu coração.

A SEMANA vai continuar em sua missão; mas no intuito de consagrar-se especialmente aos interesses da religião, como a primeira, como a maxima urgencia da sociedade. Assim todos os interesses litterarios, ou politicos, que estiverem em harmonia com o espirito e os interesses da igreja, serão cuidadosamente tratados e advogados em suas columnas. Se esta folha não fôr uma das muralhas da cidade santa, seja ao menos uma sentinella, postada no alto das ameias, para avisar aos crentes da turvação que vai nos arraias inimigos: ella morrerá, mas não se entregará: — la garde meure, elle ne se rend pas.

O pulpito, que tantos serviços prestou á religião, que foi a sua imprensa, que era o monte Oreb, em que os Moyses do catholicismo annunciavam e davam ao povo as taboas da lei, esse parece-nos orphão!... Ha ainda oradores dignos de occupar com honra esse importante lugar, mas não ha crentes que concorram presurosos a grupar-se em torno d'essas columnas da igreja. Outro inconveniente para que o pulpito esteja sem prestigio é que elle foi assaltado pelos sabios improvisados, pelos falsos prophetas, que com ademans e esgares comicos têm desconceituado a oratoria sagrada. Poucos são hoje os oradores, com a consciencia do seu ministerio, que offereçam a palavra de Deus pelo amor do mesmo Deus: os Fr. Bernardinos de Santa Cecilia e os Fr. Arsenios da Natividade são raros entre nós: os São Carlos, os Sampaio e os Quirinos Gomes parecem hoje uma raça extincta.

Mas é ainda do pulpito que a igreja tem de receber o impulso da sua regeneração. Elle tem de ser o Etna que háde abalar esta sociedade indifferente. Mas como rehabilitar o pulpito?

Fazendo que elle seja occupado por sacerdotes de virtudes e saber. O publico, todo sensualista, todo influenciado pelas idéas do materialismo, exige no pregador os dotes physicos, os conceitos, e outras qualidades artisticas; nós, porém, exigiríamos uncção evangelica, doutrina substancial, e que, n'uma sociedade pequena como a nossa, o padre pregasse com a palavra e igualmente com o exemplo. O povo é uma terra em pousio: carece de ser desbravada pelas missões, cultivada pelas homilias dos parochos, semeada pelos pregadores evangelicos.

A conferencia, como eu a comprehendo, deveria formar a trindade da propaganda catholica. E' preciso que a doutrina seja convenientemente disposta e preparada segundo os corações e as almas, em que tem de semear-se: o conselho purifica a doutrina, e a conferencia é o conselho afferido no toque das opiniões. O Instituto Catholico é a criação que eu julgo mais apta a ser consagrada a este fim. Se elle não tem produzido os fructos que havia direito a esperar, não é minha culpa, pois me tenho consagrado de corpo e alma ao triumpho summo d'esta santa e nobilissima idéa. Mas o Instituto Catholico não dá nem proveito, nem honras, pôde sim dar honra aos seus fautores, mas, no seculo positivista em que vivemos, a palavra honra é vazia de significação: — muitos são os chamados e poucos os eleitos: tudo pelo estomago, nada pelo coração! Mas nem por isso se deve desanimar, em presença de tão resprensivel indifferença: obras d'estas avaliam-se pela qualidade, e não pela quantidade. O Instituto tem no seu gremio distinctos nomes e caracteres conspícuos. Se o impulso lhe fôr dado com mão

segura, esta instituição pôde ser o ponto de apoio, onde se deve collocar a alavanca, que tem de reerguer a religião e a sociedade.

Com todos estes elementos combinados e harmonizados o triumpho é infalível.

Disse e repito que, sem a religião, que sem a igreja, não é possível a regeneração social, nem a felicidade domestica; e todos sabem quanto urge regenerar a sociedade. Como, pois, operar esta transformação?

Fazendo actuar a sociedade universal sobre as sociedades parciais; fazendo prevalecer as instituições puramente divinas sobre as sociedades de instituição humana.

A humanidade acha-se hoje como no alvorecer da idade média. Ruínas de cidades, quedas de imperios, luctas de raças, confusão entre os povos, instituições a organisarem-se, corrupção e barbaria, povos indo sem saber para onde, homens querendo dominar, e sendo aniquilados; eis o quadro, eis o cahos; e o cahos da idade média é o cahos da sociedade actual.

Mas na idade média, n'esses tenebrosos dias de barbaria e dominação, a igreja surge triumphante e domina este quadro. Ella faz acalmar as violencias, depõe os soberbos e exalta os humildes; com o amor aplaca as grandes coleras; de uma ruína faz erguer um monumento: d'um costume faz nascer uma instituição; d'uma experiencia uma lei, e, para que resuma tudo em uma só phrase, faz nascer a ordem da desordem, a harmonia da confusão.

No meio d'essas luctas que se crusavam, que se debatiavam, que mutuamente se aniquilavam, a igreja conservava-se magestosa, solemne e respeitada: era um Daniel lançado no antro dos leões, e por elles respeitada, direi ainda mais: venerada.

Os barbaros do norte, que se haviam precipitado sobre Roma, a senhora poderosa do mundo, e que a tinha despenhado do seu alto fastigio; quando embriagados da victoria, prostram-se humildes e reverentes aos pés d'esta mãe immaculada, que a todos venceia, que a todos amparava com o seu amor.

Assim creio eu, veneravel senhor, que a igreja, hoje tão abatida entre nós, succederá uma igual victoria, porque a conjunctura é igual!

A sociedade actual é como o filho prodigo do evangelho: volta arrependida e purificada pelas desgraças ao abrigo do tecto paternal. Está hoje reconhecido que sómente a igreja apresenta o espectaculo de uma sociedade bem ordenada, e que no meio das luctas civis de tantos seculos, e de espantosas transformações, conserva-se pacifica e inalteravel; perseguida, mas não vencida, e sempre triumphante.

E qual seria o magico segredo d'este facto tão notavel?

E' que além da sua origem, e da sua constituição divina, os subditos d'esta sociedade catholica, isto é universal, sabem obedecer com amor e dedicação ás leis amorosas d'esta mãe, por excellencia carinhosa.

Eu, pois diria com um illustre escriptor á sociedade civil: — tu és pobre e desgraçada a igreja é opulenta; pede-lhe o que te falta, porque ella não t'o recusará, por certo; as suas mãos estão cheias de graças, o seu coração é a propria misericordia. Queres a ordem? Pergunta o segredo de obtel-a ou conserval-a áquella, que é a propria ordem. Queres ser livre? Aprende a sel-o na escola d'aquella que é livre por excellencia. Queres o repouso? Tu não o acharás se não na igreja, e pela igreja, que possui o maravilhoso segredo de tudo apasiguar, de pacificar os espiritos, de acalmar as tempestades. Queres comprehender a norma christã da autoridade publica? Estuda os factos historicos dos seus grandes pontífices. Buscas prescrutar o segredo de attingir ás gerarchias sociaes? Aprende-o na

gloriosa multidão dos seus bispos e dos seus patriarchas. Queres saber como se obedece com dignidade? Olha a grande phalange dos seus padres. Queres ser fecunda em filhos que vivam e morram pela patria? Penetra nos segredos da sanctificação e no sublime enthusiasmo do martyrio.

III.

Agora, veneravel senhor, permitti-me, enfim, que, re- lendo o vosso sabio parecer, ratifique e explique alguns dos pontos da memoria, que escrevi, e que vos dignastes honrar com tão generosa approvação.

Professo intima e completamente as sabias e justas doutrinas, que haveis escripto contra as — heresias constitucionaes, — e com as quaes tanto buscam affligir a igreja aquelles mesmos, que deveriam ser os primeiros a acatall-a, a venerall-a e a protegell-a. Tenho para mim, e é doutrina corrente, que a igreja é uma sociedade — perfeita, — uma sociedade — necessaria, perpetua, infallivel, — e com os seus respectivos caracteres de — visibilidade, unidade, sanctidade, universalidade e apostolocidade: — e por tanto, o estado, como diz Benjamin Constant, deve antes proteger a religião, por ser sancta e verdadeira, do que por ser util. Leão, o maximo pontífice, escrevendo ao imperador Leão Augusto, exprimia-se n'estes termos: — « Lembra-te, que o poder imperial te foi concedido, não só para o governo do mundo, se não muito principalmente para o soccorrimto da igreja. — »

E' segundo estes dous principios, e segundo a doutrina geralmente adoptada pelos publicistas ecclesiasticos, que eu invoquei o auxilio do poder temporal para o cumprimento da observancia do domingo. O estado tem restricta obrigação de providenciar para que a religião seja ensinada, aprendida e por toda a parte devidamente respeitada, acatada em sua doutrina e venerada no exercicio do seu culto.

Um dos vinculos cordeacs, que prendem a minha estima e veneração á sagrada pessoa de v. ex. rev. é essa nobre ousadia, esse valor athletico de um contra cem com que haveis profligado as invasões do poder temporal nas immuniidades da igreja, d'esse poder que transforma muitas vezes a sua intervenção em — protecção á inglaterra —.

Em vista d'esta explicação fica liquido que eu não opinaria para a intervenção dos agentes municipaes ou policiaes, senão como auxiliares da protecção material, que o estado deve á religião.

A igreja é uma arca de aliança, em que os novos Osas não poderão tocar sem que fiquem paraliticos n'alma.

Tambem sou inteiramente conforme ás sabias opiniões de Benedicto XIV, Santo Agostinho e padre Ventura sobre a tolerancia e persuasão, que se deve guardar na observancia e propaganda das doutrinas e das praticas religiosas.

A igreja é uma mãe carinhosa e indulgente, que só tem caricias e amor para todos os seus filhos, é ainda uma d'estas mães que redobram de extremos para com os filhos desvairados: o amor requinta com a gratidão, o extremo do affecto contrasta quasi sempre com o extremo da indifferença.

Mas no actual estado moral da nossa sociedade, n'este estado de indifferença ou desprezo por todas as cousas da religião, as medidas coercetivas, por parte do temporal tem-se tornado necessarias a favor das crengas venerandas de nossos pais.

Em vista do espirito de indulgencia da igreja e de tolerancia adoptada pelas modernas sociedades civis em materia de religião, não é obrigado o individuo a ir aos templos, nem a trabalhar ou deixar de trabalhar ao domingo; mas a igreja deve considerar como um escandalo,

e o estado como um crime, a irreverencia e a profanação nos templos; e os trabalhos exercidos publicamente nos dias mandados guardar pela igreja, e considerados santificados pelo summos poderes do estado.

A idéa magnifica e brilhante de organizar sociedades nas diferentes freguezias para a restricta observancia e consagração do domingo, parece ao primeiro intuito de facil practica, mas eu pela practica sei o quanto isso se torna difficiloso. Parecerá uma exaggeração, mas é um facto milhares de vezes repetido, que ha um tal espirito de inveja mediocre, ou ciúme susceptivel, que não consente por muito tempo a união e sociedade de duas pessoas. Ha por ali muito Tarquinio que corta com a sua lingua viperina as papoilas, que queiram crescer e florescer. A maneira de serem e conservarem-se grandes é cortando as arvores que lhe podem fazer sombra. Aqui todas as boas idéas enfezam-se na practica. E' por isso que receio que vingue a vossa generosa e santa indicação. Se me não acho, porém, com forças para tomar a iniciativa não serei dos ultimos a incorporar-me n'essas devotas decurias.

Da maneira, em que ao presente se acha o theatro, convenio inteiramente com a vossa illustrada opinião: pediria, porém, licença para acrescentar mui breves considerações e significar o meu humilde parecer.

E' para mim ponto de fé litterario e moral que o theatro é uma vasta escola popular, e que tanto pôde servir, ou ás grandes representações dos mysterios da religião, como serviu na sua origem entre as sociedades modernas, ou aos interesses politicos e moraes, como serviu no seculo de Luiz XIV, ou á sultura dos costumes, explosão das paixões e doutrinas perniciosas, como ultimamente tem servido.

Mas porque se abusou da medicina para matar, e do fogo para incendiar, não se segue em boa logica que a medicina e o fogo sejam cousas que se condemnem.

Assim desejára eu que o theatro se regenerasse e que elle servisse aos interesses da religião e da moral. Foi assim que eu sempre considerei o theatro, é assim que desejára que elle fosse. Alguns ensaios que fiz nos meus verdes annos, e para os quaes hoje olho, como para as miúdas bonecas da infancia, tinham por fim a exposição de um facto da historia patria, e uma lição triumphante da moral, cercada do prestigio e do auxilio da religião, personificada n'um dos seus representantes. Assim significou este pensamento no fr. José Indio do meu drama Camões. Também no Monge da Serra d'Ossa, no Conjurado, no Martim de Freitas e na Favorita ha sempre, na veneravel estampanha de um monge, a personificação do auxilio da religião nas grandes catastrophes da vida.

Não vejo inconveniente para que o povo, nos dias santificados, depois das practicas religiosas, vá á noite divertir o espirito, e receber uma lição, em que se misture o util com o agradável.

Muitas são as medidas, de que se carece lançar mão para obter a regeneração dos costumes religiosos. Em quanto se não organizar, e systematisar este pensamento, esta sancta propaganda de que tanto se carece, infructiferos serão os esforços isolados de um ou outro ardente devoto.

Serei franco em manifestar a minha opinião sobre o ponto de que se devia partir. Olhando de relance para o pessoal da igreja brasileira, vejo o representante da Sancta Sé o delegado do vigario de Christo na terra e successor de S. Pedro, vejo a vossa mitra metropolitana, e mais oito baculos episcopaes. Ora supponhamos estes nove baculos hasteados apar das cruces arvoradas nos remates das igrejas das dioceses; e em torno d'estes baculos grupados os cabidos, os parochos, os simples padres, as ordens regulares, e a multidão dos fieis, reconhecer-se-ha n'este quadro um espectáculo magnifico. Supponhamos ainda esta bri-

lhante multidão, caminhado compacta, animada de um só pensamento, disposta a entregar-se ao martyrio, mas não a passar por debaixo das forças caudinas; eu julgo, veneravel senhor, que esta multidão assim respeitavel, seria respeitada pelas feras, que não ousariam assaltar o rebanho, tão bem guardado, e tão poderoso pela missão da fé.

Em conclusão. Aos chefes da igreja corre a obrigação de dizer aos chefes do estado.

« O povo do Senhor pertence a duas sociedades uma divina e outra humana. Como cidadão elle vos pagará os tributos, e consagrará respeito e submissão ás vossas leis humanas, dar-vos-ha até o tributo de sangue, e morrerá na defeza dos vossos direitos magestáticos, mas como soldado militante da igreja elle tem o sagrado direito da livre e ampla communicação com a sua mãe carinhosa; fazer d'isto um crime é cometer um verdadeiro crime.

Quem poderá vedar ao meu braço que se estenda a pedir uma graça a minha mãe; e quem ousará decepar-me por isto?

Quem poderá em boa justiça arrebatrar os dons, que directamente me possam ser prodigalizados por essa mãe magnanima e misericordiosa?

Perdoai-me, veneravel senhor, haver tão imprudentemente abusado da vossa generosa bondade; fui talvez por demais expansivo; mas fortes vós o culpado, porque a vossa generosidade foi para mim sem limites.

Como o ultimo de vossos discipulos, como filho e servo muito venerador permitti, veneravel Prelado, que beije as generosas e sagradas mãos de V. Ex. Rvm.

FRANCISCO MANGEL RAPOZO D'ALMEIDA.

QUESTÃO MATRIMONIAL.

Em toda a semana decorrida tem prendido a attenção publica a questão-Kerth. A primeira folha diaria que aventou o facto foi o CORREIO DA TARDE; seguiu-se-lhe o CORREIO MERCANTIL, e em terceiro lugar o JORNAL DO COMMERCIO. Todas estas tres folhas encaram a questão sob o ponto de vista da colonisação, ignorando ou postergando a legislação da igreja, e por consequencia abundando em invectivas contra a autoridade ecclesiastica, que havia accedido a conversão, e autorizado o matrimonio catholico.

Ao ler o primeiro artigo estudamos a questão, ao ler o segundo escrevemos o fructo do nosso estudo, consagrando-o para esta folha, ao ler o terceiro deliberamos ir de prompto protestar, na propria imprensa do libello, contra tão injustas como flagrantes declamações.

Intendíamos e ainda entendemos, que a questão-Kerth era um assumpto de interesse publico, e que uma contrariedade, fundamentada e argumentada com gravidade, deveria ser recebida e publicada nos mesmos autos. Mas não succedeu assim. As empresas do JORNAL DO COMMERCIO e do CORREIO MERCANTIL entenderam na sua lealdade de escriptores, que como o bourgumestre de Beaumarchais deviam ser os unicos a fallar; e que um artigo litterario—canonico devia, no balcão da mercantilagem jornalística, pagar a fabulosa quantia de 52\$000! sendo equiparado aos annuncios de compra e venda de escravos.

Não comentámos este procedimento: ajunctamos este aos mil factos do monopolio jornalístico, que ousa atacar o direito constituido da igreja, que ousa insultar um veneravel prelado, que ousa declamar contra o clero inteiro, e que quando se lhe vão contestar os libellos fazem questão de patacas! Cumpre exceptuar d'isto ao CORREIO DA TARDE.

O DIÁRIO DO RIO havia lançado uma pedra contra a impetuosidade da torrente, e, graças ao favor e ao empenho de um amigo intermediário, o nosso artigo pôde apparecer na imprensa diaria; mas isto mesmo foi por demais dificultoso, e por fim incompleto.

O JORNAL DO COMMERCIO, que se diz de uma imparcialidade e neutralidade rigorosas, que francamente se diz jornalismo commercial, fez n'esta occasião uma excepção á sua imparcialidade. Um annuncio, em que se pedia a attenção dos leitores para o artigo, que ia sair no DIÁRIO, foi regeitado. N'isto foi mais cavalheiro o balcão do CORREIO MERCANTIL.

Da simples exposição d'estes pormenores se vê que o catholicismo tem aqui uma imprensa prompta para ataca-lo, mas difficil e exigente para admitir uma defeza.

Aqui vamos registrar o artigo, que já foi publicado.

QUESTÃO CANONICA.

I.

Tres órgãos da imprensa diaria, o CORREIO DA TARDE, o JORNAL DO COMMERCIO e o CORREIO MERCANTIL manifestaram-se em aberta opposição ao facto do casamento de Margarida Kerth, que abjurára o protestantismo e contrahira o sacramento do matrimonio com o sr. Jansen Lima.

Estas folhas encararam a questão sob o ponto de vista das conveniências materiaes da colonisação, e prescindiram das conveniências moraes e religiosas, em que repousa o futuro e a nacionalidade do imperio; não consultaram nem respeitaram a legislação da igreja a este respeito; e por isso disfiguraram e deslocaram o facto do seu ponto de vista theologico para o sacrificar á uma supposta, mas contestada conveniencia politica ou de engrandecimento material para um paiz cujas tradições, cuja lei fundamental e cujo futuro é essencialmente catholico.

Segundo nos cumpre, protestamos contra essas susceptibilidades das conveniências da colonisação; e passamos a fazer ligeiros reparos, partindo do principio de sermos uma nação catholica, e de que a igreja é uma sociedade perfeita, com os caracteres de visibilidade, de unidade, de santidade, de universalidade e apostolicidade.

Muita erudição se poderá aqui adduzir para fundamentar e instruir o caso vertente. Mas resumindo, perguntaremos:

« Póde um conjuge infiel, convertido á religião catholica, contrahir o Sacramento do matrimonio com outro catholico, permanecendo o primeiro conjuge nas trevas da infidelidade? »

Sim.

S. Paulo diz aos Corinthios no cap. 7.º: « Se uma mulher fiel tem marido que é infiel, e este consente em cohabitar com ella, não largue a tal marido.

« Porque o marido infiel é santificado pela mulher fiel, e a mulher infiel é santificada pelo marido fiel; de outra sorte os vossos filhos não seriam limpos, mas agora são santos.

« Porém se a infiel se retira, que se retire; porque, n'este caso, já o nosso irmão ou a nossa irmã não estão mais sujeitos á escravidão. »

D'este texto de S. Paulo, segundo a intelligencia que d'elle se colhe do decreto de Graciano, part. II. causa XXVIII, quest. 11 cap.—si infidelis—, Innocencio III. formulou a disciplina e jurisprudencia que hoje rege nos decretos; tit. XIX —De divortitis.— cap. —Quanto.— e cap. —Gaudemus.—

Dispõem esta doutrina que, convertendo-se á fé um de dous conjuges infieis, e não querendo o outro cohabitar com elle ou querendo cohabitar, mas com injuria da

verdadeira religião; n'este caso, deixado o conjuge infiel, possa o fiel casar com outro.

E' esta doutrina da igreja explicada nos dous corpos do direito pontificio, nas Decretales, e em summa na magistral obra de Benedicto XIV. De —Synodo Diocesano,— lib. VI, cap. 4.º

Quasi todos os tratados de theologia resolvem este caso segundo o direito recebido e exposto. D'esta mesma opinião é o nosso sabio diocesano no seu Compendio de Theologia Moral e Elementos de direito ecclesiastico, cujo manuscripto compulsamos. Mas este facto acha-se magistralmente tratado nas —Prælectiones Theologice,— que são professadas por Perrone no Collegio Romano, na obra grande tomo VIII. pag. 262, edic. de Roma de 1844, e na obra pequena tomo IV, pag. 313, edic. de Roma de 1845.

Eis o facto em presença do direito; agora é tambem justo que apreciemos a sua these em relação ás conveniências moraes e politicas do paiz, tanto na actualidade como no seu futuro, tanto na sua prosperidade material como na importancia da sua nacionalidade e influencia moral.

Das folhas que temos á vista tomaremos o texto do CORREIO MERCANTIL, porque nos parece o mais exigente. Oxalá que não tenhamos de arrepender-nos por levantar a luva que arremessou o contemporaneo. Tomamol-a nos devidos limites de tratar a materia em si, e não de provocar personalidades, é n'um certame e não n'um pugilato que nos vamos empenhar; é assim que desejamos e esperamos ser recebidos.

Não é exacta, e por isso protestamos contra a asserção de que —em nome da religião catholica se busque crear proselytos na bigamia, na dissolução de laços respeitaveis, no quebrantamento de todas as considerações sociaes.

O contemporaneo sem querer e sem o pensar disse uma flagrante heresia. Nunca, em tempo algum e em qualquer lugar, a pacifica religião de Christo, nem a autoridade da sua igreja, que é a catholica, apostolica, romana, atrahio proselytos ao seu gremio por via de meios reprovados. Se tem havido abusos como um, e exagerados como cem, não deve inculpar-se essa celestial doutrina que ha dezoito seculos atravessa as gerações, triumphando das revoluções e dos catáclismos sociaes, e nos apparece agora, cada vez mais resplandecente e mais triumphante pelo prestigio e pelo poder sobrenatural dos seus dogmas e da sua moral.

Qual a disposição do direito portuguez, que, segundo diz o contemporaneo, —mantinha a tortura e a fogueira como meios suaves de converter á fé catholica?— Convidamos, instamos, e desafiamos a que se nos apresente uma só disposição do direito portuguez, (e por consequencia do brasileiro, aceito e recebido na fundação do imperio), em que a turtura e a fogueira fossem mantidos como meios de proselytismo.

Provavelmente a allusão é feita ao tribunal ecclesiastico, encarregado dos crimes de heresia, e que se denominava Inquisição do santo officio, denominação horripilante, que é o mote inexgotavel dos declamadores contra o catholicismo. Remettemos o contemporaneo para o imparcial historiador da igreja, o famoso Rohrer, tambem para o erudito Henrion, para a Encyclopedia catholica de Glaire e Walsh e especialmente para o sr. Alexandre Herculano, que por certo não pôde ser suspeito de ultramontanismo. D'essa leitura feita com calma e de boa fé, deprehenderá o contemporaneo que do facto em si, ao ponto de exegeração a que o levaram, vai uma immensa distancia; e que, n'essa distancia, a falsidade e a calumnia tomaram proporções monstruosas.

Com o contemporaneo tambem pensamos que o facto em questão do casamento de Kerth, levado ao ponto de these, é da mais grave importancia, e sobre tudo ques-

tão de moralidade no seio de milhares de famílias: mas olhando-o pelo futuro preche de inconvenientes pela importação de dissidentes.

Se é certo que o paiz inteiro, desde o imperador até ao ultimo dos lavradores e ao menor dos operarios, reclama a colonisação, tambem não é menos certo que toda a parte san, pensadora, fiel, illustrada e crente d'esse mesmo paiz quer a integridade da religião de seus maiores, da religião que juraram no dia da sua emancipação politica, querem em tudo e por tudo a pura observancia das leis da igreja catholica, apostolica, romana, de que todo o paiz é filho, embora haja um ou outro filho, prodigo que esteja civado d'essa perniciosa contaminação de um racionalismo esterilizador.

Sempre que se falla em colonisação estrangeira, os homens pensadores, os homens que estudam o futuro e que tem penhores que lhe são caros, penhores que tem de experimentar, a acção das boas ou más instituições, das sãs ou pestilentes doutrinas que agora fundarmos ou semearmos, esses homens tremem de receio.

Sabemos que vames provocar uma estridente e descomposta gargalhada contra uma theoria de colonisação, de que somos, se insensatos partidarios, pelo menos sinceros e cordiaes. Quereis colonisar o paiz?

Comvoseo reconhecemos essa necessidade.

Mas se quereis que essa colonisação influa na nacionalidade, na integridade, no espirito publico de uma grande nação, como tem de ser o Brasil, então urge tomar por ponto de partida a unidade, a integridade, a nacionalidade e o espirito benefico da religião catholica.

Mas, nos dirão, da Allemanha é que tem de nos vir os braços, e só lá podemos obter esses braços nos sectarios de seitas dissidentes.

Pois ainda não estais escaurmentados da colonisação alleman? A colonia do Ibicaba ou senador Vergueiro, que tem sido tomada por modelo, que tem sido um continuado foco de insubordinação, que ainda ha dias, pela decima vez, se pronunciou em fôrma contra os proprietarios da colonia, não deverá dar-nos um exemplo frizante e irresponsivel dos inconvenientes que temos a esperar de um pessoal que, além de não se poder ageitar á lingua, aos costumes e ás leis do paiz, professam seitas reprovadas, e que estão em completo antagonismo com a religião do estado?

Eis ahi vai pois a nossa theoria, o nosso programma de colonisação.

Se dos seis mil contos, que tão generosamente se votaram para a colonisação, nós pudessemos dispôr da sexta parte, a nossa Allemanha seria Roma. Ahi supplicariamos ao santo padre e aos geraes dos Jesuitas, dos Capuchinhos e dos Franciscanos, algumas dezenas de missionarios; e depois de aportarem ao nosso litoral e de nos rirmos muito e muito das suas barbas, das suas sandalias, do seu grosseiro borel, do seu—fanatismo interesseiro,—nós os mandariamos em diversas direcções do interior do paiz, sós, sem mais soccorro, sem mais auxilio do que a ampla liberdade da sua fé e do seu zelo apostolico; e nós vos juramos, que, ao cabo de dez annos, esses frades de que nos tinhamos rido, nos dariam dezenas de aldeas com milhares de pacificos cidadãos, com muitas e muitas leguas arroteadas e cultivadas. Elles fariam com o seu crucifixo o que nunca farão as espadas de generaes subjugadores, elles com a palavra, cheia embora de barbarismos de linguagem, mas ungida da unção divina, conseguiriam o que nunca ha de conseguir a actual lei das terras e da colonisação.

Agora que já haveis tomado folgo da risada que vos provocamos, permitti-nos que prosigamos.

Ha com effeito liberdade de culto no Brasil, mas a religião do estado é a catholica, apostolica, romana. E' essa a que predomina: é essa a que actúa: ella pôde

atrahir proselytos nas seitas dissidentes, sem que por isso incorra n'um crime; mas as seitas dissidentes não poderão fazer outro tanto para com os catholicos. Em vez de reprovarmos, estranharmos e sentimos que o clero não esteja nas circumstancias de chamar, pelos meios pacificos da palavra e do exemplo, não só aos dissidentes mas até os crentes transviados do abrigado aprisco da igreja.

Oxalá que o nosso sacerdote pudesse exercer a missão apostolica (o que esperamos succederá em breve, convidado ou obrigado); mas não está elle n'estas circumstancias, e por isso é injusta a allusão do contemporaneo, quando avança—que elle prot'gendo paixões desregradas, e aproveitando-se d'ellas zomba das leis do paiz e falsêa os contractos do governo:—o pobre clero brasileiro zombar das leis do paiz e falsear os contractos do governo?... Haverá declamação mais flagrantemente injusta?

E entendamo-nos a respeito dos deveres do padre em relação ao estado como sacerdote. No seu estado natural de homem e cidadão, o padre está sujeito á constituição do estado civil: mas como catholico e como ministro da igreja, elle tem uma constituição e um imperante sobrenatural. Como os cidadãos em relação ás autoridades, como as autoridades em relação aos presidentes de provincias, como os presidentes de provincia em relação ao imperante ou ao poder infallivel supremo do estado, assim os fiéis em relação aos bispos, assim os bispos em relação ao vigario de Christo que como seu representante é arbitro supremo e infallivel da doutrina da igreja.

São estes os principios elementares, não só da theologia, como do direito canonico e do direito publico ecclesiastico, mas ainda os do catholicismo catholico que aprendemos ou deviamos ter aprendido na escola.

O contemporaneo chama a attenção do governo para o facto em questão. E o que e o como pôde n'isto influir a acção puramente civil do governo? Não são as disposições canonicas e theologicas que acima citamos o direito constituido e aceito da igreja? E não é a igreja uma sociedade? E pois com que direito um governo qualquer pôde impôr ou obrigar a outro a aceitar uma legislação de sua conveniencia?

Os estados catholicos estão na igreja e não a igreja no estado. Levar-nos-hia muito longe o desenvolvimento d'este principio, que é professado nas nossas faculdades de direito; mas se para isso nos emprazarem, fal-o-hemos como poderemos.

O catholico só considera valido o matrimonio como sacramento; fora do sacramento, o catholico considera o vinculo conjugal clandestino como perfeito concubinato.

O actual summo pontifice na sua carta ao rei de Sardenha, e que traduzimos e copiamos no n. 39 da SEMANA, é muito explicito a este respeito: a sua decisão é a doutrina corrente da igreja, e como tal se deve respeitar.

Disponha o poder civil; decide o sabio pontifice, disponha livremente dos effeitos civis provenientes das nupcias, e deixe á igreja regular entre christãos a validade d'ellas.

A hypothese supposta pelo contemporaneo, de virem as pessoas reaes de diversos estados protestantes, e não serem recebidas no palacio imperial, sob o pretexto de serem concubinos, não nos parece ter applicação para o caso vertente; mas sempre diremos que nos paços reaes dos monarchas catholicos as familias dos monarchas protestantes serão e deverão ser recebidas como familias legitimas, mas perante a igreja catholica, que considera o matrimonio como Sacramento, essas familias são consideradas imperfeitas porque a igreja não considera as gerarchias civis. E' pois nosso parecer que o casamento de Margarida Ker', por isso que foi clandestino o primeiro matrimonio, é legitimamente contrahido á face da igreja e por consequencia á face dos estados catholicos.

Que o sr. bispo do Rio de Janeiro, applicando a este caso a dispensa especial que lhe confiou o santo padre Pio IX, obrou segundo o direito da igreja e segundo as suas conveniencias, que, é fóra de duvida, devem prevalecer ás da colonisação de seitas dissidentes.

Que finalmente é mais impolitico e perigoso levantar uma celeuma contra o direito da religião do estado e faculdades dos seus ministros, julgando nullo um matrimonio clandestino do que a applicação d'essas leis a um facto isolado, e sem consequencias, de que possa receiar-se.

F. M. RAPOSO D'ALMEIDA.

REMEDIO CONTRA O SUICIDIO.

Uma sociedade allemã judiciaria, reunida ultimamente em Vienna, em assembléa geral, poz em concurso a seguinte questão.—Quaes são as causas do suicidio que se tornam cada vez mais frequentes em nossos dias, e quaes seriam os meios de as prevenir?

Não é nossa intenção concorrer ao premio, mas parece-nos que todo o christão pó-lo facilmente resolver este programma, mostrando as causas d'esta molestia, o suicidio, que deshonra a nossa época; e indicar os meios que, unicos, podem cural-a.

Eis-aqui algumas d'estas causas, apontadas pelo UNIVERSO:

1.º Os professores e os autores que ensinam e fazem imprimir, que é permitido o suicidio; que depois d'esta vida não ha outra! que não ha penas eternas, que se arrogam o merito e gloria de atacar a verdadeira fé e a igreja, que é a sua depositaria e guarda;

2.º A protecção e honra que se concede a semelhantes incredulos;

3.º A obstinação que se emprega em fazer conceder a quasi todos os suicidas as honras da sepultura christã.

Quanto aos meios a empregar para prevenir os suicidios, assignalamos os seguintes:

1.º Destituir ou punir exemplarmente a todos aquelles que ensinam de viva voz ou por escripto que o suicidio não é um crime, e todos aquelles que ousam atacar de qualquer maneira as verdades reveladas, e a igreja que é sua guarda.

Fazer ensinar em todos os estabelecimentos de educação e instrucção, não simplesmente por meio de palavras, mas por exemplo, o respeito e pratica de todos os mandamentos de Deus, entendidos não como cada individuo desejaria interpretal-os, mas como a verdadeira igreja os entende.

3.º Fazer punir os medicos, convencidos de terem falsamente attribuido um suicidio a um vicio de constituição ou molestia,

4.º Fazer assignar rigorosamente um lugar separado para sepultura d'aquelles que se suicidassem livremente e com premeditação.

Se estes remedios, como muito receio, não convém para homens do nosso tempo, elles devem resignar-se a ver augmentar-se e propagar-se o contagio do suicidio.

Poderíamos citar uma cidade de um dos pequenos estados allemães para onde se dirigem numerosos estrangeiros, durante o verão com o pretexto de ali tomarem banhos. Vem d'entre elles, que havia perdido desde alguns annos centenas de mil francos ao jogo, nada mais tendo, tomou o partido de suicidar-se. Quiz enforcar-se no Crucifixo que se acha no meio do cemiterio d'esta cidade: já ali havia atado uma longa grovata, mas sobreveio o co-veiro, e o desgraçado foi obrigado a demorar seu funesto intento, e foi executal-o na floresta vizinha. Encontraram-lhe o bilhete seguinte: « deixo a minha cabeça a N... (o dono da casa do jogo); minha mulher e meus filhos á cidade de Hamburgo, e minha alma ao demonio. »

O cadaver d'este desgraçado repouza honrosamente no cemiterio, junto dos corpos d'aquelles que viveram e morreram honesta e christamente.

Não ha muito tempo que em Wisbaden um estrangeiro espedaçou-se o craneo, no meio dos jogadores, e o caminho, seguido pelos que transportaram o corpo, estava marcado por um largo vestigio de sangue, mas um quarto de hora depois uma graciosa musica fazia retumbar as abobedas do salão de jogo: o trinta e um e outros jogos continuavam como se nada tivesse acontecido.

AO PUBLICOLA.

Um escriptor, que tomou o pseudonimo de PUBLICOLA, e que aliás revela uma distincta e illustrada intelligencia, tomou empenhadamente a delleza das increpações, que parecia havermos feito ao escriptor do pseudonimo TARAMELLA, em o numero 42 d'esta folha.

Depois das grosseiras e pessoas aggressões com que nos tractou o CORREIO MERCANTIL; e isto com a inqualificavel cobardia de atacar-nos em um ponto, em que nos não podiamos defender, a urbanidade e generosa differencia de PUBLICOLA penhorou-nos de reconhecimento, e aqui lhe tributamos os devidos e merecidos louvores.

Os estreitos limites da nossa folha e o periodo semanal da sua publicação não nos permite sustentar com o illustre adversario uma polemica em regra. Em muitos pontos nos achariamos conformes, em outros nos explicariamos, em outros dessentiríamos, mas estamos certos que a final, vencidos ou vencedores, apertariamos a mão a um cavalheiro.

O illustre contendor sabe, que uma polemica, embora litteraria e interessante, como esta se podia tornar, não é possivel ser sustentada na imprensa diaria. No fim de uma semana teriamos despendido com folhas ephemerias o equivalente a um trimestre da nossa folha—livro.

O monopolio é monstruoso e assustador: cumpre resignarmo-nos, e aguardar melhores tempos. Taes não taes tormentas, e o porto é o mesmo para quem navega, ou seja em bonancoso batel, ou em altaneira não dos quintos.

Havendo remettido o artigo de PUBLICOLA a um respeitavel e illustrado sacerdote, solicitando o seu parecer sobre o seu contheudo, recebemos uma bem pensada resposta de que damos em seguida alguns treixos.

As pessoas que tem acompanhado esta questão que avaliem as razões pró e contra. Pela nossa parte abste-mo-nos de interpor nosso juizo. Quando n'uma questão, que só devia ser de principios e tratada, como o devem fazer pessoas bem creadas em cuja conta temos o PUBLICOLA, vem um terceiro disfigurar a questão com personalidades, entendemos prudente o calarmo-nos.

Que falle por nós uma voz respeitavel e insuspeita.

« O pseudonimo AMBROSIO TARAMELLA é um escriptor agradável e distincto; e na erudição encyclopedica jornalística occupa mui conspicioo lugar. Não póde porém ser taxado de mais religioso do que a religião, e embora não seja IRELIGIOSO, ás vezes poderia ser mais respeitoso para com a igreja. Não basta que varões illustres em sabedoria e santidade hajão declarado, que o matrimonio dos clerigos não é contra a lei de Deus, para autorisar um particular a propor n'uma assembléa legislativa, INTEIRAMENTE SECULAR, a alteração da disciplina da igreja, contra vontade da mesma igreja.

« Um ponto de disciplina não é mais certamente do que um ponto de disciplina; mas contem-se n'elle outro ponto de dogma, e esse catholico, a saber: QUE A IGREJA SO' COMPETE MUDAR A SUA DISCIPLINA.

« AMBROSIO TARAMELLA, no seu zelo pela pureza dos costumes do nosso clero, e da dignidade do culto da santa religião, se deixou um pouco seduzir pelas APPARENCIAS do culto protestante. Nem tudo o que brilha é ouro. Se o estimavel TARAMELLA estivesse mais ao facto do estado religioso das turbas do povo de Inglaterra, não teria tanto exaltado o zelo do clero protestante. Também exagera a moralidade do mesmo clero, que de certo não pôde servir de modelo ao clero catholico em geral.

« Feitas estas reservas, e mais algumas de menor importancia é doloroso ter de confessar que o clero da nossa terra deixa muito a desejar no zelo, e na pureza da vida: que o povo não é instruido por elle como deveria sê-lo: que não é o SAL DA TERRA, que mesmo entre aquelles que não são pedra de escandalo para seus irmãos, poucos ha que trabalhem apostolicamente para a salvação das almas. Também é certo que o abatimento em que jaz não é inteiramente obra do governo, mas sobretudo das desordens do clero inferior, e talvez (ousarei dizê-lo) da timidez e portanto da inactividade do clero superior. Não tem os nossos prelados união entre si como seria desejavel; mas porque? accaso o governo os estorva? Se assim fôr, se o governo não permittir que se reúnam, em concilio nacional, (o que aliás não consta) não poderiam pelo menos entender-se por cartas, e promover a reforma vigorosa, geral, e unanimemente? Será preciso que o governo reforme o clero? Seria isso uma vergonha, e talvez uma calamidade. Vergonha porque importaria quasi uma cessão do poder espiritual da igreja nas mãos do estado; e talvez uma desgraça, porque não tendo o estado missão divina para tal empresa, não tem a graça necessaria para acertar. A historia universalmente demonstra que sempre que o estado se arrogou o direito de disciplinar a igreja, resultaram para a religião males infindos.

« Neste sentido iríamos, com quanto pesarosos, alapar com o estimavel TARAMELLA e o seu amigo PUBLICOLA, ainda que esses não sejam ultramontanos como nos denominam a nós, que aliás os não condemnamos por serem cismontanos, lusitanos, gallicanos, ou outras designações, QUE NÃO SEJÃO CONDEMNADAS PELA IGREJA. Concordamos em dar a Cezar o que é de Cezar; com tanto que a Deus se dê o que é de Deus.

« Com todo o respeito devido aos successores dos apóstolos, os nossos paes em Christo, lhes rogamos humildemente, como ovelhas devem fazer aos seus pastores, que vigiem mais attentamente pelo rebanho que Jesus Christo lhes confiou. TAMQUAM RATIONEM PRO EIS REDDITURI! Não podendo por si mesmos apascentar todas suas ovelhas com a divina palavra e os sacramentos, velem por que tão sagrado dever seja cumprido por seus collaboradores, os vigarios e outros ecclesiasticos. Olhem que infinito numero de almas se perdem por falta d'este manjar celeste. PARVULI PETIERUNT PANEM ET NON ERAT QUI FRANGERET EIS.

« Mas como os seus collaboradores os não poderão ajudar, se elles mesmos não forem o que devem ser, levantem-se com zelo e energia. Não temam. Com a coadjuvação do governo, ou sem ella, insistão na reforma, ou na regeneração dos seus subditos ecclesiasticos. O Deus das misericordias os ajudará. Quando a autoridade se mostra fraca, a opposição toma brios. O Brasil todo inteiro applaudirá a firmeza e a prudencia dos nossos prelados.

« O governo actual não se mostra adverso á religião, antes pelo contrario parece zeloso do seu decoro. Talvez que os seus desejos sejam imperfeitos e misturados com vistas politicas, mas isso não nos é dado apreciar; e teria explicação. Seja como fôr, desfraldem-se as velas quando o vento sopra. O governo pôde ser estorvado

pelo acanhado horisonte da velha rotina; mas os prelados devem romper prudentemente esses laços. Todo o tempo traz consigo suas mudanças. E a igreja, sempre dirigida pelo Divino Espirito, tem sabiamente accommodado a sua disciplina ás exigencias dos tempos. Digo a sua disciplina; porque emquanto á DISCIPLINA DE INSTITUIÇÃO DIVINA, a igreja não a pôde mudar: só pôde explicá-la e deve-a conservar, mas quanto á da sua propria instituição, pôde ella modifica-la como melhor lhe approuver.

« Estas reflexões nos tumultuam no pensamento sempre que reconhecemos como, insuflados pelos antigos costumes, vão pullulando os abusos mais grosseiros, e com instituições que a igreja só estabeleceu para moderar o clero servem hoje só de obstaculo á divina autoridade dos prelados! D'ahi nascem as desordens palpaveis e escandalosas, e por isso vemos com magoa os prelados inactivos, e sem tomarem a attitude que lhes compete. Não queremos attribuir o facto a descuido dos pastores. Temos idéa muito mais vantajosa do seu zelo e santidade, donde pois se gera essa apparente apathia? Certamente do medo ou da difficuldade de attingir os culpados!

Teriamos ainda outras reflexões a fazer, mas a carta vai já passando os limites que no principio nos propozemos. Talvez que voltemos ainda para completar o assumpto.

C. R.

PARTE NOTICIOSA.

LOUVAVEL PROCEDIMENTO.

Communicam-nos de S. Paulo, que a confraria da Boa-Morte e gloriosa Assumpção da Immaculada Virgem da catholica cidade de Itú, se reuniu em sessão de meza, e deliberára unanimemente cumprimentar ao sr. arcebispo de Edessa. Eis uma copia do respectivo officio.

EXM. E REVM. SR. A confraria da Boa-Morte e gloriosa Assumpção da Immaculada Virgem, existindo de ha perto de um seculo no convento Carmelitano da cidade de Itú na provincia de S. Paulo, sabedora de que v. ex. revm.^a fôra designado pelo pai commum dos fieis para vigiar sobre os interesses da igreja, corpo mystico de Nosso Senhor Jesus Christo, n'este imperio, vem pressurosamente testemunhar á v. ex. revm.^a o profundo sentimento de satisfação que á todos os seus membros inspira a consciencia que n'este momento critico em o qual ventitam-se questões de summo interesse e disciplina interna da igreja e ás relações d'esta com o poder temporal, a Santa Sé Apostolica com o sempre acertado fim que a caracteriza tem delegado esta importante nunciatura á um ecclesiastico da elevada posição e dos illustres dotes moraes e intellectuaes de v. ex. revm.^a

A confraria cheia de confiança na piedade de S. M. o Imperador se compráz em anticipar a feliz solução das difficuldades que hoje constroem a igreja no Brasil.

Que assim seja, e que a feliz chegada de v. ex. revm.^a seja a introdução á uma verdadeira restauração do sentimento catholico entre nós que á v. ex. revm.^a sirva de consolo e de compensação para as privações que envolve a ausencia da Italia durante os longos annos pelos quaes a confraria almeja a sua demora na corte do Brasil, é o que esta confraria ardentemente deseja.

Deos guarde a v. ex. revm.^a por muitos annos como nos é mistér.

Consistorio da confraria da Boa-Morte e Assumpção da SS. Virgem da cidade de Itú aos 25 de janeiro de 1857. — Exm. revm. sr. arcebispo de Edessa D. Nuncio Apostolico á corte do Brasil.

Pela confraria: — FREI MIGUEL DA CONCEIÇÃO GOMES, capellão.

Nictheroy. — Typ. da Patria, rua d'El-Rei n. 60